

# Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

**Universidades Lusíada**

Baltazar, Isabel

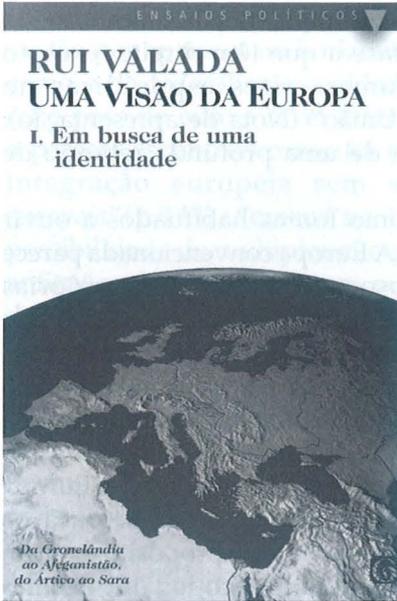
## **Recensão : "uma visão da Europa : em busca de uma identidade" de Rui Valada**

<http://hdl.handle.net/11067/7718>

### **Metadados**

<b>Data de Publicação</b>	2006
<b>Editor</b>	Universidade Lusíada Editora
<b>Palavras Chave</b>	Valada, Rui - Crítica e interpretação, Países da União Europeia - Política e governo - Opinião pública, Opinião pública - Portugal
<b>Tipo</b>	article
<b>Revisão de Pares</b>	Não
<b>Coleções</b>	[ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 03 (2006)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-22T12:18:19Z com informação proveniente do Repositório



RUI VALADA, *Uma Visão da Europa. I. Em busca de uma identidade*, Lisboa, Graal Editores, 2006, 176.

É necessário que se leia este livro. Pela sua novidade, pela sua utilidade, pela proposta que faz aos leitores. Não é um livro para ler e arrumar. É um livro para ler, reflectir e discutir. É isso que se percebe da sua leitura, é essa a proposta do próprio editor. Numa folha solta que vem no seu interior pode ler-se uma nota de apresentação e convite ao debate público onde se considera ser o momento oportuno para debater a Europa: “ Parece ter chegado o momento ideal para relançar na sociedade portuguesa alguns temas de debate eternamente adiados ou insuficientemente a florados. Um desses temas, entre os mais essenciais, tem a ver com as expectativas dos portugueses sobre a Europa, no tocante a tudo o que ultrapassa as nossas actuais dependências dos fundos estruturais e de outras ajudas comunitárias. De facto, com excepção destes aspectos meramente financeiros, a Europa tem sido persistentemente tratada pelos portugueses como um assunto menor” (Nota de apresentação). A obra agora apresentada tem uma finalidade eminentemente pedagógica: contribuir para um conhecimento, uma reflexão e um debate sobre a Europa e sobre Portugal nessa Europa. Só assim terá algum sentido falar em identidade portuguesa versus identidade europeia ou a possibilidade de ser português e ser europeu. Só assim, também, fará sentido pensar a “futura arquitectura europeia, o relacionamento com o mundo islâmico e a eventual absorção de uma parte dele, a cidadania europeia e a instituição de uma língua comum, o conceito de educação europeia e os valores que deve repousar, o futuro do modelo social europeu, a adopção de

uma política comum de imigração delectiva, o futuro da moeda única e outras questões candentes não têm merecido a ênfase a que têm direito, excepto quando eclodem a propósito delas algumas crises esporádicas no relacionamento entre os países-membros da União” (Nota de apresentação). Não serão estas crises provocadas pela falta de uma profunda reflexão de todos os europeus sobre a Europa?

Na Introdução, Rui Valada constata como fomos habituados a ouvir falar da Europa com contornos bem definidos. A Europa convencionada parece inabalável, e, na realidade, tudo é duvidoso, a começar pelas próprias fronteiras. Não será necessário esvaziar a Europa das convenções e dos preconceitos para encontrar a verdadeira Europa? A nossa questão é respondida pelo autor: “Talvez tenha chegado a hora, e com ela o século e o milénio, de desfazer ilusões convenientes e velhas ideias desempoeiradas pelos novos factos, pelos desafios emergentes e pelas necessidades progressivamente óbvias. Se é uma nova Europa que se anuncia ou a Europa primordial que se desvenda, esse tema será melhor deixá-lo para os investigadores e outros intelectuais de ofício. Neste livro, o propósito é outro: marcar claramente um rumo, traçar uma visão geral, propor um destino comum a um mosaico de povos e culturas que se espraiam entre oceanos e desertos - oceanos a ocidente e a norte, desertos a sul e a oriente - e que se mesclaram inadvertidamente, com maior ou menor consciência disso” (p.10). É preciso, antes de mais, de definir os contornos geográficos da Europa, “A questão das fronteiras”, discutida de uma forma profunda, sempre acompanhada por mapas elucidativos, e num tom provocatório, para concluir que a Europa não é um continente físico mas uma representação cartográfica, “um mero produto da cultura *européia*” (p.27). O desconcerto europeu é total quando se desenha no horizonte a alteração da geografia política para integrar países como, por exemplo, a Turquia. Outro problema se anuncia no capítulo seguinte: “Há uma matriz cultural europeia?” Outro desconcerto, muitas ambiguidades. Rui Valada esboça todos os supostos fundamentos europeus e mostra a sua fragilidade: “A Europa é uma amálgama, não uma liga. Para se obter nela algo de razoavelmente homogéneo, pelo menos à vista desarmada, será necessário um longo e paciente trabalho de fusão em lume brando” (p.42). É necessário “Um pouco de retrospectiva” (capítulo três) para tentar encontrar “O Espírito Europeu” (capítulo quatro): “Existe de facto um espírito europeu? No mínimo, o que pode dizer é que é muito duvidoso que exista algo tão pouco óbvio que pode alimentar uma interminável polémica” (p.57). Existe sim, o sonho europeu e a Europa parece “Unida pelo Sonho. Dividida pela História” (capítulo cinco), a Europa tem vivido de conceitos operacionais (capítulo seis). “Duas Visões Institucionais” (capítulo sete) são apresentadas de forma problemática para mostrar que o futuro da construção europeia seguirá o “método dos pequenos passos” como já dizia Robert Schuman. Será um deles “em prol de uma língua comum”

(capítulo oito)? Muitos problemas - “ Os Novos Problemas” (capítulo nove) - estão por aparecer no horizonte europeu. Rui Valada enumera muitos deles, como o do federalismo, a cidadania europeia, o equilíbrio financeiro interno ou o peso do euro a nível externo. Novos problemas se avizinham: “ Chega a parecer espantoso como foi possível chegar a uma fase tão adiantada da integração europeia sem se ter sequer esboçado uma educação europeia”(p.143), “cresce no horizonte, como uma ameaça que paira, a possibilidade de múltiplos choques culturais dentro dos países que se tornam anfitriões de enormes fluxos migratórios”(p.144) ou “ o desejo de afirmação das nações submetidas”(p.149), a harmonização legislativa e o decréscimo geográfico com as questões sociais que lhe estão associadas. *Uma Visão da Europa* termina sem conclusões, talvez porque não se saiba qual vai ser o seu fim, ou para, simplesmente, deixar aberto o debate.

Este livro é, sem dúvida, um convite a pensar a Europa a partir de Portugal. Uma Europa que tem uma identidade. Uma Europa que tem alicerces mais profundos do que o seu edifício jurídico ou as suas políticas económicas. É necessário conhecer e ter em conta a Europa histórico-cultural para construir a Europa do futuro. Normalmente habituados a encontrar nas estantes muitos livros sobre a União Europeia, se olharmos ao seu conteúdo quase todos são oriundos de duas áreas dominantes: economia e direito. Raros são sobre a História da Construção Europeia. Menos ainda escritos em português. Quando olhamos o panorama europeu, muito particularmente o caso francês, em que anualmente saem dezenas de livros sobre essa temática e nas Universidades constitui uma área especializada de estudo, ganhamos consciência do nosso atraso. É por isso que esta obra é digna de ser referida. Não se trata de uma História da Construção Europeia mas de um Ensaio sobre a Europa - *Uma Visão da Europa*, que precisa da História para se justificar. *Uma Visão da Europa*, em busca de uma identidade. *A Visão da Europa* não fica esgotada com a sua identidade. Mas ela é essencial para saber o que é a Europa. Será que a Europa existe?

Ficamos a aguardar os próximo volume. *Uma Visão da Europa* promete continuar enumerando com *I. Em busca de uma identidade*. E a promessa é revelada no Índice onde é anunciada a temática do II volume: A Sociedade Atlântica. Lembramos-nos da interrogação fundamental de Joaquim Barradas de Carvalho: *Rumo de Portugal, a Europa ou o Atlântico?*

Esperamos outras obras e outros autores sigam o mesmo caminho. Pensar a Europa em Portugal e em Português é fundamental para encontrar a tão necessária identidade europeia e para dar vida a um verdadeiro espírito europeu, ou, simplesmente para querer ser português.

Isabel Baltazar